



TRANSEXUALIDADE: as particularidades da condição Trans Homem

Jéssica Giacomini FELISBERTO¹

Juliana BARACAT²

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo conscientizar a sociedade, bem como os profissionais na área da saúde acerca da questão do trans homem, suas implicações psicológicas e sociais no dia a dia, tanto das pessoas nesta condição quanto dos profissionais que as atendem, para que possam realmente demonstrar empatia com seus dilemas e sofrimentos buscando atendê-las de modo mais humanizado.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, preconceito.

ABSTRACT:

The main focus of this paper is to educate society and the healthy professionals who treat people with trans man condition, their psychological and social implications in everyday life of the trans man and the healthy professionals so they can show empathy to their dilemmas and emotional pain, seeking to provide them a more human treatment.

Keywords: genre, sexuality, preconception.

1. INTRODUÇÃO

A transexualidade é uma condição pela qual o indivíduo busca viver e ser aceito como um membro do sexo oposto daquele que foi designado por nascença, desse modo o transexual constrói uma identidade de gênero condizente com a do sexo anatômico oposto ao seu.

No decorrer da história da humanidade, há relatos de pessoas que viveram ora como se fossem homens, ora como mulheres, e outros relatos de indivíduos que migram totalmente para o gênero masculino, ou vice-versa de modo permanente (PINTO, 2008).

Por mais que a transexualidade esteja presente nas mais diversas culturas e períodos históricos, na sociedade atual ainda ocorrem preconceitos, estigmas e exclusões dessas pessoas, ao contrário com o que acontecia em culturas passadas em que eram associadas à divindades e heróis (COSSI, 2010).

¹ Discente do curso de Psicologia da FAEF- Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral. E-mail: jess8ica_al@hotmail.com

² Docente do curso de Psicologia da FAEF- Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral. E-mail: jbbaracat@hotmail.com



Na sociedade em que vivemos hoje prevalece a heteronormatividade, que divide os corpos-homens e corpos-mulheres, o que atesta que gênero sexual ao qual o sujeito pertence, no qual corpo e gênero devem ser correspondentes. Aqueles que não se enquadram dentro dessa heteronormatividade, que são os transexuais, são estigmatizados como se fossem abjetos, ou seja, estão fora da categoria humana (COSSI, 2010).

Ao falarmos de transexualidade devemos refletir sobre a sexualidade para além das concepções anatômicas. Diante disso, este trabalho tem como problemática desconstruir esta visão naturalizante do gênero; a fim de oferecer uma maior compreensão sobre a condição trans homem que, segundo Bento (2006), são pessoas que ao nascerem foram designadas como mulheres em virtude de sua genitália feminina, mas, no entanto se identificam e buscam ser reconhecidos como homens.

Para clarificar tais conceitos, foram abordados aspectos históricos e mitológicos, além da questão psicológica e patológica que foi mudando no decorrer do tempo e no desenvolver da cultura.

Neste trabalho procuramos desmistificar a questão do trans homem, além de mostrar as diferenças entre sexo anatômico, gênero e identidade de gênero, bem como tais conceitos foram sendo construídos socialmente e as implicações dos papéis sociais e culturais para aqueles que não se enquadram na heteronormatividade, a partir de um olhar humanista, que visa desconstruir preconceitos, acima da condição trans homem.

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa foi a compreensão sobre a temática trans homem, visando desfazer tabus e promover a potencialidade da sexualidade humana. Os objetivos específicos estipulados foram: Apresentar um breve histórico da transexualidade, discriminar o conceito de sexo, gênero e identidade de gênero; descrever o conceito de Trans Homem;

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

2.1 Processos históricos da transexualidade através dos tempos e culturas



A condição de não pertencer ao gênero daquele que foi designado biologicamente, não é um fenômeno presente apenas na nossa época e em nossa cultura. A transexualidade e o transvestimento vêm tomando espaço desde tempos atrás, encontram-se na mitologia Greco-romana e nas tribos indígenas há relatos de personagens que se vestiam como membros do sexo oposto. Em alguns casos a intervenção anatômica se dava por rituais, por exigências de determinada seita ou por certos status sociais (SADEEH, 2004).

Na mitologia Greco-romana encontra-se a narrativa do mito de Hermes e Afrodite que tiveram um filho, cujo nome era Hermafrodito, o resultado da junção dos seus nomes. O mito conta que Hermafrodito era um jovem de uma grande beleza, pelo qual a ninfa Salmácia teve uma forte paixão. Ao encontrá-lo banhando-se em um lago, agarrou-se a ele e pediu aos deuses para que nunca mais os separassem. Então os deuses juntaram os dois em um só corpo, criando então um andrógino, um ser dotado de dupla sexualidade (QUESNEL, 1996 citado por SILVEIRA, 2006).

Não é apenas na mitologia Greco-romana que existem relatos de transição entre os gêneros, segundo Chiland (2008), entre os membros da nação indígena *inuítes*, que habita hoje as regiões árticas do Canadá, há a existência de um terceiro sexo, no qual as crianças *sipniit* ao nascerem mudam de sexo, e na adolescência voltam ao seu sexo de origem, com isso entravam em contato com forças sobrenaturais e costumavam se tornar xamãs.

Os mitos e fatos citados acima se davam por meio de rituais ou para se inserir em determinado status social, diferentemente do que ocorre com os transexuais de atualmente. Só a partir do século XX, o fenômeno transexual passou a ser estudado no campo científico.

Segundo Castel (2001) o termo transexulismo foi citado pela primeira vez por Magnus Hirschfeld em 1923, como transexualismo da alma ou transexualismo psíquico, no mesmo ano citou novamente o termo transexualismo nos estudos a respeito dos intersexuados.

Somente em 1980, o “transexualismo” foi oficialmente introduzido à classificação psiquiátrica, como parte do DSM-III (sigla inglesa para Manual



Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais), mas passou a ser chamado de síndrome de “disforia de gênero”, para diagnosticar indivíduos que sofrem de algum tipo de desconforto ligado ao gênero e que demonstrem, pelo menos no período de dois anos, um interesse contínuo em transformar o sexo do seu corpo e o status do seu gênero social. Já em 1994, com o DSM-IV, o “transexualismo” recebeu a denominação de “transtorno/desordem da identidade de gênero” (ATHAYDE, 2001).

Já no segundo o DSM-V, (2014) a Disforia de gênero refere-se à incongruência entre o gênero de nascimento com aquele que é percebido e manifestado pelo comportamento do indivíduo e como isso vem acompanhado por angústias. Esta incongruência embora não cause desconforto em todos os indivíduos, afeta alguns que se sentirão deslocados e sofrerão se as intervenções desejadas sobre o físico, por meio de hormônios e/ ou cirurgias, não estiverem disponíveis. Assim, o termo atual disforia de gênero é mais adequado que o termo anterior transtorno de identidade de gênero, e assim foca a disporia como um problema clínico e não como identidade por si própria.

Na CID-10 (2003), Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde, a 10ª versão utiliza o termo “transexualismo” que é definido como um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo apostado, acompanhado de um sentimento de inadequação e desconforto perante seu sexo anatômico e desejo de adequar seu corpo conforme o gênero desejado com intervenção cirúrgica ou tratamento hormonal.

Atualmente os movimentos transgêneros e organizações LBGT vêm lutando para exclusão dos critérios de diagnóstico dos manuais internacionais de doenças, DSM e do CID e a retirada da menção de sexo dos documentos oficiais, abolição dos tratamentos binários para pessoas intersexo, o livre acesso aos tratamentos hormonais e as cirurgias sem tutela psiquiátrica, a luta contra a transfobia propiciando a educação, inserção social e a laboral das pessoas transexual.

Nesse processo histórico podemos observar que os estudos científicos e psicológicos sobre o conhecimento da temática continuam sendo construídos até o presente momento havendo consideráveis avanços nas últimas décadas, o que propiciou



um maior esclarecimento sobre a condição transexual, e assim buscando beneficiar essas pessoas.

2.3 Definição do conceito de sexo, gênero e identidade de gênero

A compreensão da pluralidade de expressões da sexualidade e dos gêneros que encontramos na contemporaneidade passa pelo entendimento do que realmente é a sexualidade, que vai muito além dos fatores biológicos, enquanto diferenças anatômicas entre os sexos, fundamento este que é essencial para a distinção sexual. No entanto, se levarmos em conta a questão cultural, esta definição muda totalmente, sendo por vezes oposta ao que biologicamente se entende como homem e mulher (PINTO, 2008).

Assim as diversas formas de expressão dos gêneros e da sexualidade, necessitam que haja compreensão dos diferentes aspectos que as compõem, percebendo que há uma nítida diferença entre sexo, gênero e identidade de gênero, visto que há uma grande confusão da sociedade a esse respeito.

Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1999), o termo sexo se refere a: “a confirmação particular que distingue o macho e a fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas”.

O movimento feminista procurou utilizar o termo gênero distinto de sexo como uma forma de rejeitar o determinismo biológico implícito presente nos termos sexo e diferença sexual, buscando assim compreender e decodificar o sentido das complexas relações e formas de interação humanas, em que o conceito de gênero se legitima e se constrói (SCOTT, 1991).

Já de acordo com Scott (1991, p. 4), definir gênero é muito mais complexo do que determinações biológicas ou jurídicas envolvendo aspectos subjetivos, pois é fato que isoladamente o ambiente não é o único fator determinante capaz de causar mudanças na identidade dos indivíduos, nem muito menos influenciar os comportamentos e as transformações idealizadas tão intensamente, sempre há multifatores envolvidos.



[...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas como aquelas que encontram um denominador comum para as várias formas de subordinação, no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm a força muscular superior (...) o gênero é uma categoria social impostas sobre um corpo sexuado.

Enquanto experiência pessoal e subjetiva, a identidade de gênero não está diretamente relacionada à condição do indivíduo ser de fato homem ou mulher, vincula-se à ideia de quem se acredita e/ou se sinta ser, tendo como característica preponderante aspectos da subjetividade humana, que vão definir as representações, o modo como o sentimento é expresso e, ainda, atua diretamente nas percepções que cada sujeito tem sobre si mesmo. Louro (1996, p. 103) amplia mais esta ideia:

[...] uma definição mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo contínuo, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas construído através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade), como também nos leva a pensar que gênero é mais que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais, ou seja, expressam as relações sociais de gênero

Portanto, há que se levar com seriedade o estudo de todos os aspectos envolvidos na questão, visando trazer esclarecimentos e assim propiciar à sociedade uma visão mais realista do que ocorre com os indivíduos que vivenciam esta forma de ser e estar no mundo, o que difere totalmente do binarismo ao qual a sociedade está acostumada.

2.4 O que é trans Homem?

O termo trans homem é uma das muitas classificações dentro das transidentidades, sendo uma das autodesignações adotadas por pessoas que “nasceram mulheres”, ou melhor, designadas como tal a partir do nascimento ou ainda no período de gestação, no entanto identificam-se como homens. Além deste termo, são também utilizados: homens trans, FTMs (*female to male*), homens transexuais, transmen e



transmasculinos. Os termos mais utilizados por ativistas são trans homem, homem trans ou FTMs (ALMEIDA, 2012).

O termo Trans homem, de acordo com os estudos de Ávila (2014), foi adotado a partir da tradução do inglês *transman* e do francês *transhomme*, termo utilizado pela teórica *queer* Marie-Hélène Bourcie. Assim, o nome que designa tal sujeito torna-se um substantivo, palavra com que se denomina não como o adjetivo, que qualifica um objeto. Ao usar masculino ou feminino após transexual (transexual masculino, transexual feminino), ou ao usarmos transexual após homem ou mulher (homem transexual, mulher transexual) estamos qualificando o sujeito.

De acordo com o site oficial da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT, 2012 citado por BATISTA, 2013) os homens trans são assim definidos:

Você é homem trans se você nasceu com o sexo anatômico feminino (ou foi registrado como sendo do sexo anatômico feminino quando nasceu e foi criado assim), mas você não consegue se sentir ou não consegue pensar que você internamente tem tanta feminilidade quando teria uma mulher, mesmo que masculino. Você se sente uma cara, um menino, um rapaz, um homem, um ser masculino, mesmo que não ache que seja exatamente o que você acha que seria “um homem”. (s.p.).

Os trans homens são diferentes entre eles, esta diferença deve ser entendida a partir dos marcadores sociais que são: classe social, raça/cor, a orientação sexual, a origem geográficas entre outras. No meio deles de um modo geral a maioria dos trans homem utiliza o termo transexual ou trans na frente ou atrás de homem, e assim tomando-o como adjetivo antes do substantivo homem. Já o termo transexual para alguns trans homens é rejeitado, pois eles vêem a transexualidade como algo transitório que será revertido pelo acesso às cirurgias e pelo reconhecimento judicial dos documentos, assim para eles não se trata de uma negação do caráter patológico, mas de uma rejeição a serem vistos como homens distintos dos demais (ALMEIDA, 2012).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após tudo o que foi exposto podemos observar que os objetivos propostos no início deste trabalho foram alcançados, onde foi realizada a exposição de como o



conceito de binarismo de corpos foi se desenvolvendo no decorrer dos tempos, a questão de como a transexualidade era vista com naturalidade na antiguidade e como este conceito sofreu grande alteração com a ascensão do cristianismo e de um moralismo exacerbado, passamos ainda por conceitos científicos e psicológicos que evidenciaram como a sociedade interfere e aumenta o sofrimento das pessoas nesta condição.

É marcante também o fato de como o feminismo contribuiu para o resgate de direitos não só das mulheres, mas também de marginalizados devido ao seu comportamento desviante da heteronormatividade, abrindo a visão da sociedade também para a questão transexual e seu reconhecimento social não apenas pelo âmbito biológico, mas multifatorial e sua inserção social, bem como a questão da separação dos conceitos de sexo, gênero e identidade de gênero.

Vimos ainda que há carência de trabalhos científicos nesta área, além de falta de profissionais qualificados para lidar com os trans homem e as demandas psicológicas decorrentes do desejo de passar por intervenção cirúrgica.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALMEIDA, G. **“Homens trans”:** novas matizes na aquarela das masculinidades?. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). Dossiê Vivências Trans: Desafios, Dissidências e Conformações. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 20, v. 2, 2012.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-: DSM-5.** Artmed Editora, 2014.

ARAÚJO. L.R. **Transexualidade: Dos transtornos às experiências singulares.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2010.

ATHAYDE, V.L. **Transexualidade masculino.** Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia, São Paulo, v. 45, n.4, p. 407-414, 2001.



AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. DSM-IV-TR™** - Tradução Cláudia Dornelles. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ÁVILA, S. N ; GROSSI, M. P. **Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina.** Anais do Fazendo Gênero 9 – Disporás, diversidades, deslocamentos, 2010, Florianópolis.

ÁVILA, S. N ;GROSSI, M. P. **“NÓS QUEREMOS SOMAR!” – A EMERGÊNCIA DE TANHOMENS NO MOVIMENTO TRANS BRASILEIRO.**

BASTISTA, P. M. M. **O HOMEM TRANS E A (RE) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.** Universidade Estadual de Santa Cruz (ESC) – PROC/UESC 2012-2013.

BENTO, B. **A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro. Garamond, 2006. 256. (Sexualidade, gênero e sociedade)

CASTEL, P. H. **Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910 – 1995).** Revista. Brasileira de História. São Paulo, V. 21, nº 41, p. 77-111. 2001.

CAMPOS, C. M

CECCARELLI, P.R. **Transexualismo.** São Paulo. Casa do Psicólogo. 2008.

COSSI, R.K. **Transexualismo, psicanálise e gênero: do patológico ao singular.** 2010.148 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LOURO, G. L. **Pedagogias da Sexualidade. In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PINTO, Maria Jaqueline Coelho. **A vivência afetiva – sexual de mulheres transgenitalizadas.** 2008. 227f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia. Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2008.



SAADEH, A. **Transtorno da identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino.** Tese de doutorado. Departamento de Psiquiatria. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 2004.

SILVEIRA, E.M.C. **De tudo fica um pouco: a construção social da identidade do transexual.** Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Serviço Social, Programa de Pós Graduação em Serviço Social, 2006.

SCOTT, J.W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade.** Porto Alegre. Ano 1991.

LOURO, G. **Gênero e magistério: identidade, história e representação.** In: CATTANI, Denise et al. (Org.). Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

LOURO, G. L. **Nas redes do conceito de gênero.** In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E. WLADOW, V. R. (Org.). **Gênero e saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OMS, **Organização Mundial da Saúde. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10:** descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: OMS, 2003.